A Póvoa de Varzim na *Belle Époque*

Panorama da vida cultural e do turismo balnear

Manuel Ferreira da Costa

Prefácio de Albertino Gonçalves

Prefácio

Memórias Vivas

Albertino Gonçalves

Sociólogo. Professor da Universidade do Minho

Convém saborear este livro devagar, como quem anda na areia, molha os pés no mar, se passeia no paredão, respira sargaço ou acompanha uma lancha poveira. Resultante de uma dissertação de doutoramento em Estudos Culturais, apresentada em 2019, a investigação não teve, entretanto, descanso: desenvolveu-se, amadureceu e aprimorou-se. Incide num período decisivo para a história da Póvoa de Varzim, do País e da Europa: a *Belle Époque* (grosso modo, entre 1870 e 1910). Não dispensa, contudo, um recuo ao século XVIII, com os primeiros clérigos a ir a banhos terapêuticos, nem uma antevisão dos loucos anos 20', que culminam o ciclo de transformação, por exemplo, com a aguardada legalização do jogo em 1927.

Original e generosa, a obra revela-se extensa, densa e diversificada. Distingue-se, em particular, pela virtude de captar e reproduzir o ambiente e o espírito caraterísticos da época. O estilo lembra, aliás, os escritores *flâneurs* do século XIX, tais como Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Eça de Queirós ou Ramalho Ortigão. De frase em frase, de imagem em imagem, o leitor é convidado a deambular, demorar-se e deleitar-se neste ou naquele recanto, com este ou aquele personagem, local ou forasteiro, humilde ou ilustre, sem, todavia, se perder nos meandros de um mundo tão vibrante e complexo. Demonstra, assim, abertura e empatia, qualidades raras mas preciosas.

Este aparente diletantismo prazeroso apoia-se numa investigação robusta e meticulosa que conjuga a disciplina do historiador com a sensibilidade do sociólogo. Sublinhe-se a exploração de arquivos públicos e privados, com uma análise sistemática de jornais, atas, ilustrações, fotografias, memórias... Neste quadro, não existe lugar para afirmações não documentadas, mas sim para interpretações lúcidas. A quantidade e a qualidade da informação acumulada resultam impressionantes.

Foram publicados nos últimos anos, em Portugal, alguns estudos dedicados à história, à sociologia e à antropologia das estâncias balneares. Independentemente do respetivo mérito, continuam a ser poucos, comparativamente com outros países europeus e atendendo à importância do fenómeno e à sua relevância para o conhecimento da sociedade portuguesa.

Existem várias abordagens possíveis de um fenómeno social. Entre outras, é possível relevar os efeitos das estruturas e das dinâmicas externas: no urbanismo, na arquitetura, na economia, na cultura ou nos estilos de vida. A exposição ao exterior tem, fatalmente, consequências. Por exemplo, a proximidade de centros urbanos e o alcance das acessibilidades ditaram o sucesso ou a crise de muitas estâncias termais ou balneares. No caso da Póvoa de Varzim, não é possível ignorar o papel do caminho de ferro ou o desempenho das elites provenientes do Porto, Braga, Guimarães e Vila Nova de Famalicão.

Manuel Costa não subestima estas condições. Mas a aposta afigura-se distinta. Sugere-o o título do livro: "A Póvoa de Varzim na *Belle Époque*" em vez de "A *Belle Époque na Póvoa de Varzim*". A opção reside em realçar menos o que a *Belle Époque* fez na Póvoa de Varzim (recetiva) e mais o que a Póvoa de Varzim (ativa) fez com a *Belle Époque*. Como diria Jean-Paul Sartre, o que importa é aquilo que conseguimos fazer com o que fizeram de nós. São muitos os impulsos, as alavancas e os enxertos que "vêm de fora", mas o tronco, a seiva e os ramos estão "dentro". Não obstante o peso dos fatores exógenos e correspondente cortejo de oportunidades, vale, porventura, a pena procurar na sociedade e nos agentes locais o exercício da afirmação da Póvoa de Varzim como estância balnear e centro de cultura. A construção de uma identidade singular, consistente e performativa não vinga apenas com importações e imitações. Precisa adquirir corpo e alma próprios.

A esta deslocação do olhar, Manuel Costa acrescenta o desígnio de registar tudo e todos aqueles que deixaram uma pegada no caminho da história local. Abre-se, assim, um oceano imenso ainda por explorar. Perante tamanho desafio, manifesta-se acertada a prioridade atribuída à "vida cultural" e ao "turismo balnear", como assinala o subtítulo. Garante um roteiro de navegação mais viável. Esta primazia não é fortuita. A Póvoa de Varzim carateriza-se pela articulação entre a praia e a cultura lúdica assumida e implementada durante a *Belle Époque*. Manuel Costa propõe-se acompanhar, exaustiva e detalhadamente, este cruzamento do aproveitamento balnear e da promoção da cultura, do turismo e do lazer, concretizado em numerosas realidades: cafés, restaurantes, associações, clubes, negócios, artes, edifícios, projetos, políticas, espetáculos, imprensa, fotografia, teatro, jogo, desporto...

Poderá a atenção dedicada ao local ofuscar os efeitos do contexto envolvente, à escala regional, nacional, internacional? Provocar miopia? A adoção de uma multiplicidade de lentes com diferentes graduações permite focagens distintas consoante os níveis de observação. O olhar, ora se distancia e proporciona uma visão panorâmica, ora se aproxima e disseca o pormenor.

Com esta matriz teórica e metodológica, torna-se difícil resumir em poucas palavras a riqueza, variedade e profundidade dos conhecimentos obtidos. Furto-me, portanto, a esboçar uma antecipação do conteúdo da obra. Para o efeito, presumo ser suficiente a consulta do índice, organizado e detalhado a preceito. Por seu turno, um breve relance evidencia a qualidade do grafismo e das imagens, especialmente das fotografias.

Como foi referido, a obra empenha-se em não ignorar a mais ínfima entidade que tenha deixado a sua marca na construção da identidade poveira, seja um lugar, uma instituição, uma categoria social ou uma atividade: da mulher descalça e do ceboleiro ao artista e ao barão brasileiro de torna-viagem; do alojamento sobrelotado ao hotel moderno; do barracão desmontável ao "teatro de pedra"; da praia popular à praia elegante; da rua com moscas ao café com espetáculos; do transporte em carro de bois à aparição do primeiro automóvel. O registo vai muito além das figuras e dos eventos consagrados na toponímia e nos monumentos da cidade. Trata-se de um autêntico memorial enciclopédico, ao mesmo tempo abrangente e minucioso: uma luneta de grande amplitude e alta precisão. Em suma, um tributo à terra e às suas gentes. Cada página promete alimentar o orgulho de quem traz a Póvoa no coração.

Além de um tributo, *A Póvoa de Varzim na Belle Époque* também constitui um contributo. O autor não só "cativa o estilo caraterístico da época instilando-o no texto", como abraça o espírito de iniciativa e entrega dos principais protagonistas da implementação e promoção da cultura e da identidade poveiras. Trata-se, naturalmente, de uma cruzada que nunca acaba. Filho da terra que percorreu mundo, Manuel Costa envolve-se numa missão análoga. Porque não basta fundamentar o orgulho. Urge reforçar, instruir e mobilizar recursos e vontades, antes de mais, dos conterrâneos. Às vezes, dizer é fazer.

Em boa parte dos estudos de caso, o conhecimento proporcionado transcende os limites do objeto empírico. O aprofundamento de fenómenos particulares permite apreender princípios gerais, revelando como estes se concretizam, atualizam e variam consoante as circunstâncias. Por outras palavras, faculta carne e pele a esqueletos abstratos. Não só ilustra as teorias, como contribui para as consolidar, matizar e, porventura, questionar.

Recorra-se a um exemplo. O aproveitamento balnear da Póvoa de Varzim deu origem a uma nova morfologia social. Entre outros aspetos, im-

plicou uma separação entre as zonas dos banhistas e dos pescadores, favorecendo a marginalização progressiva destes últimos.

Paradoxalmente, os próprios discriminados assumem essa segregação. Protegem-se, em determinados contextos de interação, do contacto "poluidor" dos estranhos. Invertem, ao nível simbólico, a situação. Trata-se de uma forma de resiliência que faz das fraquezas força.

Esta alquimia expande-se e complexifica-se. A promoção simbólica dos marginalizados passa então a beneficiar da solidariedade de agentes externos, cuja posição social os torna mais propensos a essas cumplicidades. É o caso das "frações dominadas das classes dominantes" (Pierre Bourdieu), onde avultam escritores, artistas, professores e outros detentores de elevado capital cultural. Daí resulta uma multiplicação de iniciativas (livros, filmes, pinturas, músicas) dedicadas à comunidade piscatória, mais ou menos sublimada.

Este jogo social não é exclusivo da Póvoa de Varzim. Observa-se em muitas outras sociedades, embora sob configurações distintas.

Não sou poveiro, mas, como sucede com muitos nortenhos, acarinho memórias da Póvoa. Não resisto a contar uma pequena história. Com cerca de sete anos de idade, adorava cavalos. O meu padrinho, frequentador assíduo do casino, tinha vários negócios na Póvoa. Um dia levou-me a um poveiro supostamente disposto a vender um cavalo, mas só junto com a carroça. Não me interessava, queria um cavalo sem carroça. O padrinho ainda insistiu: "Dava para ajudar o teu avô [que tinha um comércio] a distribuir as garrafas de gás". Pois, despedimo-nos sem carroça e sem cavalo. Desde então, regresso frequentemente à Póvoa. Já não à procura de um cavalo, mas desse ambiente singular que estas páginas tão bem convocam.